

## O sonho da Filá

Quem entrasse naquele apartamento era invadido por uma atmosfera de amor, respeito e solidariedade.

Tinha terminado o jantar que servira para mais um convívio familiar.

A mãe leva para a cozinha parte dos objetos utilizados, o pai imita-a e logo se vai sentar no sofá, atento às notícias que a televisão irradiava.

A Filá estava ainda entretida em fazer figuras, neste caso uma flor, com os gomos da tangerina.

- Filá, ajuda a mãe ... traz o resto das coisas. Filá cumpre com solicitude o pedido formulado. Afinal esta era uma das missões que lhe pertenciam.

De seguida vai aproveitar um pouco mais o colinho quente do pai. Desde manhã cedo não o vira.

A mãe veio juntar-se tomando parte no diálogo que as notícias da TV exibia, entre pai e filha. Falavam igualmente das coisas banais, dos problemas comuns mais urgentes e escutavam com prazer o que a Filá fizera durante o dia na escola.

- Bem, são horas para a menina Filá ir dormir. Amanhã será um outro dia - alertou a mãe.

A Filá beijou com carinho os dois, e quando se dirigia para o quarto lembrou maliciosamente, olhando o pai.

- Papá, não te esqueças, amanhã é sábado.

O pai sorriu e acenou um sim com a cabeça.

Desde há muito que o sábado ou outro qualquer dia livre era dedicado à observação dos pássaros instalados ou de passagem nos arredores da cidade de Santo André. Um passeio que ambos adoravam fazer.

Assim, após o pequeno-almoço, aparece a Filá vestida a preceito para o objetivo em causa, trazendo orgulhosamente ao pescoço o binóculo que o Pai

atal deixara na chaminé no último Natal, tal como pedira com muita esperança na cartinha que havia enviado.

Como o dia estava lindo, banhado por amenos raios de sol, lá partiram os dois para um dos locais mais apreciados da zona e devidamente escolhido.

Caminhando foram passando pelos locais de observação, contemplando em cada um deles, com silêncio e atenção esfuziante, o cartaxo comum, o trigueirão, o pintassilgo e o melro preto.

Depois, já na própria Lagoa de Santo André, onde no verão a Filá corria pela areia grossa antes de saltar para a água em temperatura ideal, pulando e mergulhando como um peixito endiabrado, procuraram ver a aguia-sapeira, a garça vermelha, o galeirão, o marreco e o pato de bico vermelho. Aproximava-se a hora do almoço pelo que pai e filha decidiram regressar a casa, onde a mãe pouca interessada nesses passeios os aguardava.

Tinha sido mais uma manhã agradável, feliz. O passeio tinha sido divertido, embora um pouco cansativo.

Com naturalidade os dias da Filó terminavam sempre da mesma maneira. A poucos metros da janela do seu quarto erguiam-se dois pinheiros, que ao cair da tarde recebiam um número incontável de pardais, que atraíam os passeantes com o seu alegre chilrear. Era um espetáculo que a Filó procurava não perder. Ver os seus amiguinhos chegar e partir sempre cantando, num vai e vem controlado, buscando e trazendo comida para seus filhotes, que de bico aberto aguardavam o apetitoso alimento.

Só quando tudo parecia mais calmo e sereno, a Filó deixava a janela do seu quarto.

Chegara a pedir ao pai que comprasse alimentação para lhes dar, pois eles poderiam ter fome se não encontrassem comida.

Tantas vezes este quadro se repetia que imaginava ela que já se conheciam uns aos outros.

- Passarinho, passarinho, olha para mim! Toma aqui comida!

Quando o silêncio voltava, a Filó não se esquecia do adeus.

- Boa noite amiguinhos, até amanhã, dizia ela antes de se retirar.

Em certa noite acordou com o barulho duma intensa chuva, vento forte e riscos iluminando o céu. Uma verdadeira noite procelosa vivia-se na cidade. Assustou-se com o que poderia suceder aos seus amiguinhos. Através da janela reparou no bailado forte e descontrolado dos ramos e a quantidade de água que tombava.

Coitados dos meus amiguinhos, principalmente os mais pequenitos, pensou ela. Não conseguia conciliar o sono. Só quase de madrugada, já cansada, adormeceu. Mas logo que possível, foi espreitar os estragos causados na árvore, que eram bastantes, deparando com um ninho contendo dois ovitos. Agarrou meigamente no mesmo e mostrou-os à mãe que impaciente, já a aguardava.

- Olha mamã, só encontrei este ninho. Vou guardá-lo no meu quarto para ficar mais abrigado e quentinho.

A mãe ficou indecisa, mas perante a nobreza de tal gesto, aceitou com alguma emoção.

- Está bem, vai guardá-lo, mas logo quando regressares, vamos falar disso. Agora são horas de ires para as aulas.

A Filá mal chegou a casa, correu a ver o ninho e o seu conteúdo, indo de seguida falar com a mãe. Esta explicou-lhe pacientemente que talvez não fosse já possível os ovinhos resultarem, mas que no entanto a Filá poderia tratar deles.

Foi o que desejava ouvir. Preparou uma caixinha dos últimos brinquedos, colocou o ninho rodeando-o de algodão para o manter aquecido e mais protegido. Algum tempo foi passando, e todos os dias a Filó ia verificar o estado dos ovitos. Cada vez tomavam-se mais escuros. A mãe com solicitude convenceu-a então que dali já não sairiam passarinhos e que por conseguinte deveria abandoná-los. Entristecida a Filó concordou, dizendo à mãe que os iria depositar no sitio exato onde os encontrara. Abriu um buraco e colocou a caixa, tapando-a carinhosamente com a erva que ali crescia exuberante.

Deitou-se e nessa noite a Filó gozou um sonho lindo. Dos ovitos cresciam asas com penas coloridas que entrando pela janela, caíram sobre si, transformando os seus pequenitos braços em asas e partira voando, riscando o céu azul, cruzando os rios, os montes e as terras, a par dos amiguinhos que a seguiam cantando.

E por muitas noites assim foi. Era um tempo de felicidade da Filó! Quando a tristeza a invadia, se sentia mais isolada, os colegas não a compreendiam ou os pais a repreendiam ou não sabia entender a linguagem dos adultos, refugiava-se no quarto e dali, com o seu imaginário infantil, puro e inocente, saía voando em liberdade para se juntar aos amiguinhos que a esperavam ansiosos.

- Filó, levanta-te que são horas, eu já estou pronta!

Com um sorriso ainda mais lindo a Filó seguia para a escola onde tudo lhe parecia agora mais ameno e dulcificante.

Oswaldo Énio